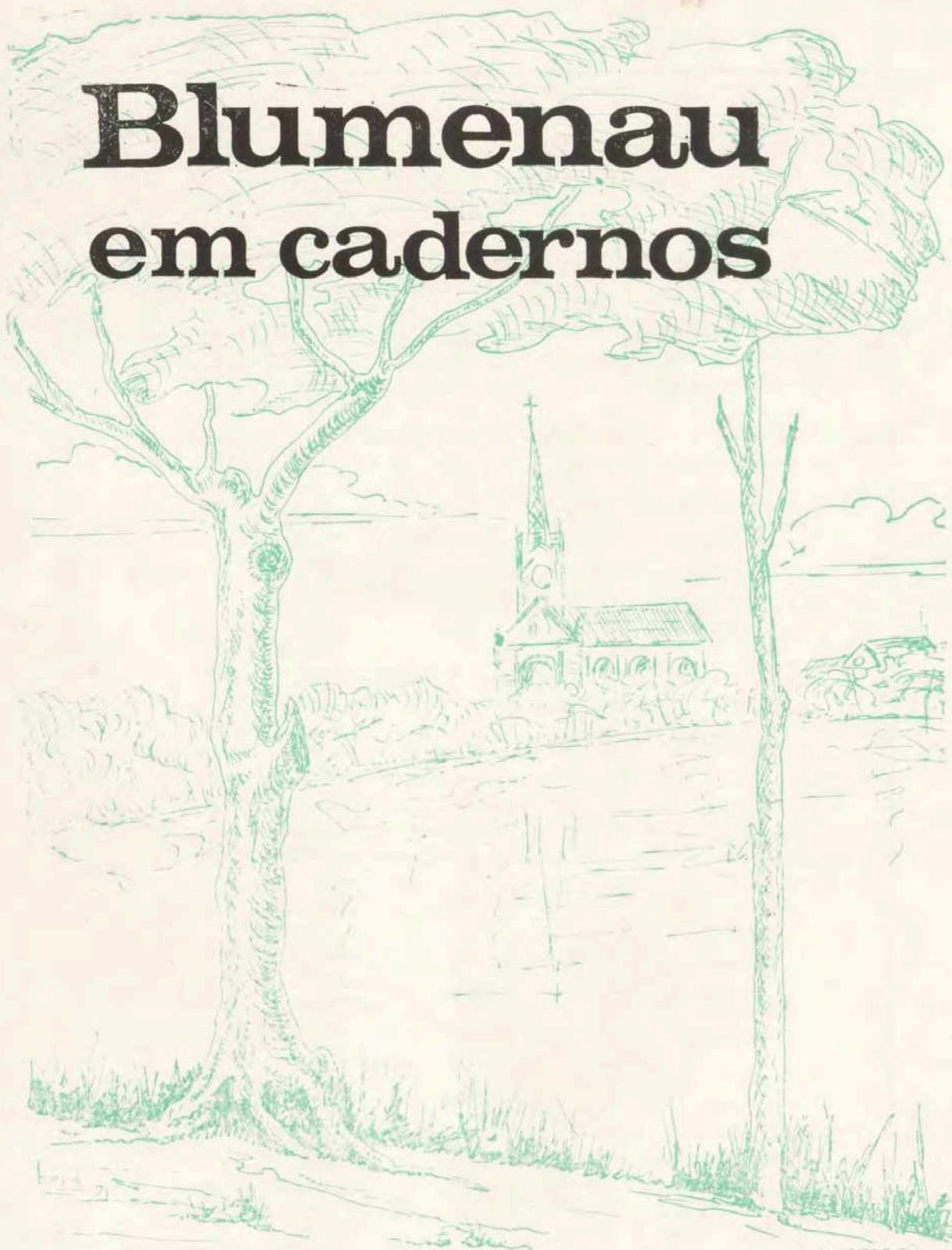


Blumenau em cadernos



TOMO XXVIII/9

Setembro de 1987

Edição 369

ILUSTRADO
MIGUEL
HEUSI - 81

A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", editora desta revista, torna público o agradecimento às empresas abaixo relacionadas que, visando garantir a permanente regularidade das edições de "Blumenau em Cadernos", tomaram a si o encargo financeiro na restauração total das nossas oficinas gráficas que haviam sido parcialmente destruídas nas enchentes de julho de 1983:

TEKA - TECELAGEM KUEHNRIK S.A.
COMPANHIA HERING
COMPANHIA TEXTIL KARSTEN
MAFISA — MALHARIA BLUMENAU S/A.
CREMER S/A. — PRODUTOS TÊXTEIS E CIRÚRGICOS
MAJU INDÚSTRIA TEXTIL LTDA.
SUL FABRIL S/A.
EMPRESA AUTO VIAÇÃO CATARINENSE
LOJAS HERING
COLABORADORES ESPONTANEOS

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" agradece aos abaixo relacionados que, espontaneamente, contribuíram com recursos financeiros para garantir a estocagem de papel necessário à impressão desta revista durante o corrente ano:

CASA WILLY SIEVERT S.A. Comercial
TEKA - TECELAGEM KUEHNRIK S.A.
GRÁFICA 43 S.A. INDÚSTRIA E COMÉRCIO
DISTRIBUIDORA CATARINENSE DE TECIDOS S/A.
MOELLMANN COMERCIAL S.A.
TIPOGRAFIA E LIVRARIA BLUMENAUENSE S.A.
BUSCHLE & LEPPER S.A.
CIA. COMERCIAL SCHRADER
JOÃO FELIX HAUER
MADEIREIRA ODEBRECHT
LINDNER, HERWIG SHIMIZU - ARQUITETOS
MÓVEIS ROSSMARK S.A.
ARTUR FOUQUET
JOALHERIA E ÓTICA SCHWABE LTDA.
PAUL FRITZ KUEHNRIK
CASAS BUERGER

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXVIII/9

Setembro de 1987

Edição 369

SUMÁRIO

Página

A História de Blumenau na correspondência dos imigrantes	266
Enchentes — Celso Liberato	269
Blumenau e o Ballet — Ursula Ionen	271
Relatório Trimestral do Arquivo Histórico “Prof. José Ferreira da Silva”	273
Os primeiros oitenta anos de colonização alemã em Blumenau . .	275
FIGURA DO PASSADO — Dr. Benedito de Camargo Rocha — José Gonçalves	281
O Sábio Naturalista	283
Subsídios Históricos — Coorden. e Tradução: Rosa Herkenhoff	285
Os nossos voluntários da Pátria — Elly Herkenhoff	286
Histórico da cidade de São Joaquim e os costumes do seu povo — Maria Batista Nercolini	289
Aconteceu... — Agosto de 1987	293
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	295

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. n.º 19

Assinatura por Tomo (12 números) Cz\$ 30,00 + 20,00 (porte) = 50,00

Número avulso Cz\$ 5,00 -- Atrasado Cz\$ 10,00

Ass. p/o exterior Cz\$ 100,00 mais o porte Cz\$ 20,00 total Cz\$ 120,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.015 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

A HISTÓRIA DE BLUMENAU NA CORRESPONDÊNCIA DOS IMIGRANTES

Carta de Julius Baumgarten a seu pai, na Alemanha — 5.^a remessa postal

Lichtenburg, 12 de dezembro de 1853.

(Recebido em 20 de março e respondido em 13 de abril de 1854).

Amado pai!

A sua primeira carta tão esperada por mim, finalmente chegou no dia 11 deste mês após 76 dias de viagem. Foi num dia chuvoso em que resolvi ir até os Kellner. A monotonia do dia me levou a isto ou talvez um pressentimento. Não encontrei nenhum dos Kellner em casa e resolvi ir até a casa do Dr. Blumenau. Este, na porta já me recebeu com um largo sorriso. Desconfiado fui até sua escrivania onde encontrei a remessa postal. A minha alegria foi indiscreta, porque a oito meses não recebera mais nenhuma correspondência. O seu pedido de escrever sempre que possível, aproveito com alegria ainda hoje, principalmente enquanto Nahrwold ainda continua na Europa. Também a tarifa é bastante convidativa para enviar correspondências no próximo navio.

Ainda tenho sérios problemas com a aclimatização, mas continuo tranqüilo e satisfeito. Continuo preocupado apenas com o constante aumento de preços e quase é impossível para mim, daqui por diante, comer carne fresca. A carne é tão cara e aqui infelizmente calcula-se 1 libra por pessoa diariamente. Também os outros alimentos aumentaram muito.

Seria bem melhor se eu pudesse trabalhar regularmente e desta forma dispensar um operário. Mas ainda preciso cuidar de mim. Poucos dias passados já estava quase bom; comecei a trabalhar e sofri uma recaída. Além de tudo sofri nas últimas semanas alguns prejuízos pesados. Perdi uma canoa muito boa que foi destruída por uma árvore, como também um bonito cão de caça que custou-me 5 mil réis. Ainda poderia citar uma série de outros pequenos prejuízos mas isto não melhoraria minha situação.

Agora todos estes contratemplos não fizeram com que eu desanimasse; continuo como antes forte e decidido a prosseguir. Estou ligado intimamente a este pedaço de terra e a solidão da floresta continua a fascinar-me. Passam semanas em que não vejo ninguém e a terra fértil aqui continua sendo o ponto mais seguro para mim.

Com relação à minha perseverança não se preocupe. Também em questão de economia esteja tranqüilo. O excesso de bondade logo dá lugar a certa avareza. Se perder esta bondade ao ver como precisamos ter cuidado com os brasileiros e velhos alemães que chegaram aqui a mais de 25

anos passados, será triste. Eles gostam muito de enganar novatos. O excesso de gastos se perde igualmente, pois não há onde gastar. Também porque a idéia de um rápido e certo progresso arrasta todos de imediato. Muitas vezes fiquei contente ao ouvir um amigo dizer: — Baumgarten, você é um avarento! — Mesmo sem os seus avisos e recomendações, querido pai, não se preocupe, eu sei que gastar dinheiro é meu ponto fraco mas eu tenho todo cuidado. Com o desmatamento da área de 3 Morgen estou praticamente pronto e os restantes 2 Morgen espero terminar até o natal. A minha plantação de cana-de-açúcar primeiro me encheu de preocupação mas agora o tempo está excelente e nada mais pode acontecer do que diariamente uma trovoadas que molha a terra. O milho se desenvolve maravilhosamente. As batatas estão murchando agora; creio que plantei as mesmas um pouco tarde. Em fevereiro devo plantar na nova roça; cana, batatas e feijão e espero colher em junho de 30 a 40 sacos de batatas e 15 a 20 sacos de feijão. Em julho começo a colher a cana-de-açúcar e espero que Nahrwold e as outras pessoas então já estejam conosco aqui. No que se refere a contratação de uma família, vocês já foram instruídos por minhas cartas. Só quero repetir aqui e espero com certeza Christine e seu noivo. Estes trabalharão para nós por 1 ano e meio pela viagem. Caso queiram eles mesmos pagar a viagem eu lhes garanto o seguinte: Eu os esperarei no local do desembarque e os levo diretamente para minha propriedade. Se o homem for trabalhador receberá nos primeiros 3 meses 6 mil réis

por mês; nos seguintes 7 mil réis e depois 8 mil réis. Christine receberá por mês 4 mil réis e precisará cuidar da casa e da roupa.

Como é costume aqui, em caso de doença, recebem a alimentação gratuita, mas pelos dias doentes lhes é descontado no ordenado.

Referente ao Hofmeister Fischer ele poderia com o que tem, adquirir boa terra de 100 Morgen, vizinho a mim e ainda por 2 mil réis o Morgen. Porém, expliquem mais uma vez a Fischer que aqui nada é fácil. Pão é difícil, queijo não tem e a carne é pouca, pelo menos nos primeiros 6 meses. Depois, porém, tudo melhora, é um homem livre e dono de sua terra. Agora não o estimulem demais para que mais tarde não me traga aborrecimentos. Em especial só mandem gente boa para cá, pessoas que possamos aproveitar. Gente dada à bebida não nos serve. Para tecelões aqui não há trabalho e o trabalho na terra não é fácil, mas, sim, bem mais difícil que o preparo da linha.

Você escreve sobre um artigo do Dr. Blumenau publicado no jornal "Reichszeitung" e que o mesmo não agradou a maioria. Se assim foi é porque são pessoas de idéias mesquinhas e para aqui não servem. Você pode depositar inteira e total confiança no trabalho deste homem. Ele tem uma opinião formada sobre o que publica, pois não quer escrever e ver publicado artigos enganosos como os sobre Dona Francisca que aparecem nos jornais.

Dr. Blumenau não é nenhum mentiroso e quer somente pessoas que trabalhem, como tem agora. Também não quer descontentes. Por este motivo todos os seus artigos são um pouco rudes.

Para a Colônia Blumenau este ano não foi muito bom. Vieram poucos imigrantes. A não ser nós 13, mais ninguém. Esperamos porém para nos próximos dias mais 20 pessoas cheguem de Thüringen. Tenho, no entanto, certeza que nos próximos anos esta situação vai mudar. Espero sinceramente que isto aconteça, pois o homem o merece. A excelente localização da terra também favorece tudo, bem como o clima.

A razão porque comprei tão logo minhas terras tem o seguinte motivo: logo que chegamos, tivemos a notícia que um número considerável de alemães de posse estaria a caminho daqui. Como os lotes encarecem a cada transporte que vem, achei melhor comprar logo. Se eu soubesse que tudo não passava de mentiras, eu teria talvez trabalhado primeiro para outros. Creio, no entanto, que fiz bem em ter comprado as terras que hoje possuo, pois no próximo ano já pagaria bem mais por ele.

O jovem Wunderwald ficou em Dona Francisca. Foi uma sorte. Esta colônia para nós, é um baluarte contra indesejáveis e onde a maioria fica.

Que na terra de Gaertner foi encontrado ouro é verdade, mas este metal é encontrado em todos os lugares. Acima da minha propriedade tem um riacho, onde dizem também haver ouro, mas aqui ninguém dá atenção a ele. Os brasileiros são preguiçosos demais para lavá-lo e os alemães, com o exemplo e consequência da

febre do ouro na Califórnia, ficaram assustados.

O negócio Gaertner e Maurer acabou. Queriam subir demais e perderam. Agora Sallentien assumiu a companhia com Gaertner, pois ele é um ótimo comerciante. Então Hermann publicou um livreto mesmo? Peço enviar alguns através de Nahrwold. Mesmo que contenha o que não entendo. Peço que transmitas minhas congratulações a Hermann. Espero receber dele uma carta brevemente. A viagem que você fez a Heidelberg com Marie, certamente foi muito interessante e fico contente que você a tenha realizado.

A notícia de que ainda posso esperar de você mais 500 Thaler me surpreendeu e alegrou. Espero que o senhor envie o dinheiro pelo caminho por mim recomendado e o mais rápido possível pois preciso muito dele. Caso Nahrwold venha e entrar em sociedade comigo eu talvez possa lhe restituir os 500 Thaler logo e você os entregará a Paul Kellner ou eu os pago aqui mesmo.

Caso Nahrwold não venha, venderei 200 Morgen de terra, faço 400 mil réis com a cana-de-açúcar e aguardente e ainda sou capaz de conseguir mais dinheiro. Ao Paul já paguei 400 mil réis e de todo meu dinheiro sobrou 370 mil réis. Gastei ainda 200 mil réis no transporte de minhas coisas, objetos para o trabalho, mantimentos, uma canoa e sobraram 140 mil réis. Preciso pagar ainda

LOJAS HERING S.A. Representa não só o espírito empreendedor como também solicitude, educação e sociabilidade que caracterizam tão bem a tradicional formação da gente blumenauense.

60 mil réis de ordenado no natal. Faltam, ainda conseguir, batatas para o plantio, como também feijão que custam 12 mil réis.

As cartas de aviso de Doners e Helms recebi. Doners escreveu que meu sucessor Bockelmann, que me deve dinheiro, liquidaria logo a dívida. O alfaiate Helms, de Goslar, considero um malandro pois já liquidei minha conta com o mesmo há dois anos passados e não vou enviar mais nada.

O que Paul e Adolph farão agora não sei. Uma nova roça não vão preparar mais; creio que vão vender. O pedaço de terra que plantaram, mal deu o suficiente para o sustento. Só o preço que pedem é muito alto. Também seu moinho ainda não funciona. Mas de resto estão bem de saúde e satisfeitos. Vão escrever somente quando receberem uma carta de seus familiares.

Neste instante chega Paul trazendo 1 kg de chá que ele comprou para mim.

Há oito dias passados estiveram aqui alguns jovens de Dona Francisca. Ficaram muito impressionados com a região daqui e logo que venderem suas terras lá pretendem vir para cá.

Ofereceram 1.600 réis por minha terra mas eu disse que não venderia. As perspectivas de Dona Francisca para cá são ótimas para o ano que vem e eu espero que minhas terras passem a valer o dobro. Foi sorte para mim ter vindo agora e não mais tarde.

Agora querido pai, vou finalizar. Agradeço novamente por ter concordado com minha partida. Através do horizonte de dificuldades surgem os primeiros raios de sol para um futuro melhor.

Por hoje Adieu, que Deus o proteja de toda e qualquer desgraça.

Seu fiel filho

Julius

(Tradução de Edith S. Eimer)

ENCHENTES

Celso Liberato

Eis, aí, um difícil problema de Blumenau e do Vale do Itajaí, velho e revelho, mas sempre atual.

Tudo vai bem por aqui, com sol e céu azul. Nenhum vislumbre de mau tempo. O rio Itajaí-Açu a correr sereno em seu costumeiro volume de água. Um ambiente para ninguém botar defeito.

Mas, de uma hora para outra, quando menos se espera, o quadro se transfigura com a chegada das chuvas que às vezes perseveram por dias e noites consecutivas, a encharcar a terra.

É aí, nesse ponto de saturação pluvial, que na opinião dos entendidos na matéria, se chove forte nas cabeceiras do rio é sinal aberto para as enchentes.

Já na edição de 10 de julho de 1969 do antigo jornal "A NAÇÃO", de Blumenau, portanto há mais de 18 anos, em artigo sob o

título "Por enquanto não há perigo", clamávamos por maior urgência nas obras de contenção das cheias do rio.

Historicamente, as grandes enchentes do Itajaí-Açu só se repetiam a longos intervalos de cerca de trinta anos de uma para outra, como aconteceu em 1852, 1880 e 1911.

Mas, ultimamente, em julho de 1983 e agosto de 1984 interrompeu-se a tradição, com aqueles dois catastróficos universos de água que afogaram o Vale.

Para bem se ajuizar da violência da enchente de 1852 basta lembrar com respaldo histórico, que tais e tantos foram os transtornos, devastações e prejuízos causados à então recém fundada colônia Blumenau que esta só logrou sobreviver graças ao trabalho e coragem dos primeiros imigrantes trazidos da Alemanha em 1850 pelo Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau.

É ainda de lembrar que na enchente de 1911 o vapor "Blumenau" — hoje ancorado na Prainha — navegava nas ruas centrais de Blumenau a recolher os flagelados nas zonas mais baixas para levá-los a lugar seguro, nas partes mais altas da cidade.

E as enchentes de 1880, 1983 e 1984 com o rio na cota de mais de 16 metros acima de seu nível normal, não fizeram por menos: não foram poucas as casas em que as águas subiram até o telhado, como atestam as fotografias de época.

Ainda recentemente, quando chovia intensamente em Blumenau e no Vale do Itajaí, com o rio Itajaí-Açu já na marca de sete metros acima de seu nível comum, um leve temor de nova enchente preocupava a comunidade.

É mais uma advertência para que as obras do rio para a retenção das cheias prossigam sem interrupção por falta de verbas, como ocorria no passado. E que a barragem norte, de Ibirama, já em fase final de sua construção, entre a operar com todo seu potencial de embargo das águas.

Agora, com os novos trabalhos como dragagens e retificações do rio levados a efeito pelo Departamento Nacional de Obras e Saneamento a par da complementação do sistema de barragens, há um renascer de esperanças de que Blumenau e todo este laborioso Vale do Itajaí passem a viver e trabalhar sossegados, em termos de segurança e tranquilidade, a salvo das periódicas inundações regionais.

Mas enquanto se não concretizar esse **desideratum** que não chova grosso nas cabeceiras do rio.

Nem haja necessidade de vibrar no ar o conhecido aviso de rádio de que "por enquanto não há perigo".

TEKA É uma sigla que se impõe pelo conceito adquirido no ramo têxtil blumenauense. Seus produtos da mais alta qualidade, se destacam não só no mercado interno, como no internacional. Já é tradição os consumidores nacionais e internacionais ligarem o nome TEKA a produtos indústrias têxteis da mais alta qualidade.

Blumenau e o Ballet

por Ursula Ionen

Mais importante do que escrever sobre as pessoas que já dançaram em Blumenau é escrever sobre os professores que aqui fizeram história e a montagem de grandes obras.

Turnverein — Blumenau. (Sociedade de Ginástica Blumenau).

Fundado em 05/10/1873. — Esta foi na verdade, a primeira Academia de Ginástica e Dança de Blumenau, o que vem atualmente, contradizer o depoimento de algumas pessoas mal informadas, inclusive jornais.

A princípio, apenas os homens é que se exercitavam. Em 1916, o professor Bruno Hindlmeyer começou o trabalho com moças da Sociedade.

Todas as apresentações de ginástica e dança ou teatro, sempre foram feitas no Teatro Frohsinn (contou-me Elisabeth Richter, que era Souffleuse daquele teatro).

Em 02/07/1945 já como Teatro Carlos Gomes, começou a funcionar a Escola de Ballet, como segmento do Conservatório Curt Hering, sob orientação de Lisel Klostermann. No princípio, as apresentações eram sempre acompanhadas pela Orquestra Breitkopf, posteriormente, pela Orquestra Sinfônica do Teatro Carlos Gomes, sob regência do Maestro Heinz Geyer (depoimento de Iris C. Ramers, que integrou a Sinfônica por vinte e sete anos).

Após a guerra, assumiu a di-

reção da escola, a Sra. Ines Poler.

Com sua saída a escola ficou temporariamente parada até que a Sra. Valentina von Rogoschin, no salão do atual Grande Hotel, passou a lecionar, fazendo suas apresentações no Teatro Carlos Gomes.

Em 1966, Mara Probst, ex-aluna de Ines Poler, retornou de São Paulo, depois de ter feito cursos na Escola de Bailado do Teatro Municipal de São Paulo. Mara assumiu a direção da escola de ballet do Teatro Carlos Gomes.

As apresentações ainda eram sempre acompanhadas pela Orquestra. Alguns anos mais tarde, a sinfônica foi extinta junto com o Conservatório, passando o Maestro Oscar Zander a dirigir a então fundada Escola Superior de Música. Com a saída de Mara Probst, em 1972, Miss Pauline Stringer, a 1.^a professora inglesa credenciada pela Royal Academy of Dancing a se radicar no Brasil, assumiu a direção da escola do Teatro.

Em 1974, ela formou a 1.^a bailarina profissional do Estado, que prestou exame perante a Royal Academy of Dancing e passou com medalha. (Ursula Aloma Ionen). No mesmo ano, Maria Beatriz Niemeyer tornou-se auxiliar de Miss Pauline. Com a saída de Miss Pauline em 1976, mais uma vez a academia ficou temporariamente parada. Em 1978, Ursula Ionen e Maria Beatriz Niemeyer, fundaram o Corpo de Dança Maria de Caro, (nome de uma das primeiras bailarinas italianas a subir em sapatilhas de ponta); no Centro Cultural 25 de Julho, sociedade esta que deu todo apoio e incentivo.

Em 1980, apresentaram a 1.^a grande montagem blumenauense: "O Amor por 3 Laranjas", de Prokofiev.

Mais tarde, o professor Pedro Dantas Rodrigues veio para Blumenau, assumindo a direção da Escola de Ballet do Teatro. Manteve uma gestão conturbada. Ficou na Escola até junho de 1982.

Em 1982, o Corpo de Dança Maria de Caro apresentou sua 2.^a grande montagem: "O Messias", de Haendel. Após estes bem sucedidos anos de trabalho no Centro Cultural 25 de Julho (Ursula Alma Ionen), foi convidada pelo Conselho de Cultura do Teatro Carlos Gomes a assumir a direção de sua escola de ballet (Julho de 1982).

Neste espaço, quero retificar o engano de Dona Edite Kormann na edição de maio deste ano, que colocou meu nome como sendo ex-aluna do professor Pedro Dantas Rodrigues, informação esta que não procede.

Continuei a estudar e aprimorar meus conhecimentos dentro do método inglês, do qual, hoje sou professora credenciada, tendo formado neste Estado, várias bailarinas profissionais como também o 1.^o bailarino profissional Catarinense, que passou em todos os seus exames com medalhas (Sergio Moacir Borba).

Minha 1.^a preocupação ao assumir este cargo de direção, foi registrar devidamente a Escola no MEC. Desta forma, a partir de 1982, a Escola de Ballet do Teatro Carlos Gomes pôde emitir certificados, além dos conferidos pela Royal Academy of Dancing de Londres.

Em 1985, veio a 3.^a grande montagem: "O Quebra-Nozes", de Tchaikowsky.

Em 1987, a 4.^a: "Giselle", de Adolph Adam.

Já em 1978, quando o Corpo da Dança Maria de Caro foi fundado, era nossa preocupação, formar um grupo profissional de alto nível e que pudesse dar aos bailarinos um salário condizente com sua profissão e que lhes dessem um mínimo de amparo social.

Nasceu oito anos mais tarde, (1986) o Ballet de Câmara de Blumenau que tem seu próprio registro; é declarado de Utilidade Pública Municipal e Estadual, além de ter seu cadastro no MINC.

O que se pretende com esta iniciativa, é reter os valores artísticos locais e regionais, alguns já realizados profissionalmente e outros que despontam para o caminho árduo e privilegiado da Arte.

Queremos que o ser humano dotado de qualidades artísticas, vivendo em nosso meio, difunda a beleza da Dança e alegre o próximo com o talento que recebeu.

VOCÊ SABIA?

— QUE dia 3 de outubro de 1943, a Sociedade Blumenauense, hoje Olímpico, derrotou o Brasil E.C., mais tarde Palmeiras, pela contagem de 2 a 1, com cuja vitória sagrou-se campeã blumenauense de 1943? Que as equipes formaram assim — Blumenauense: Waldir, Artur e Arécio; Piske, Heine e Generoso; Ico, Willy, Bodinho, Pie e Acreu. O Brasil com Bergo, Pfau e Schramm; Herbert, Doquinha e Machado; Meireles, Pavan, Augusto, Tevo e Borba. Que a renda do jogo, considerada excepcionalmente alta, foi de Cr\$ 3.800,00?

Arquivo Histórico «Prof. José Ferreira da Silva»

RELATÓRIO TRIMESTRAL

ABRIL/MAIO/JUNHO — 1987

I -- ARQUIVÍSTICA:

1.1 — FUNDO MUNICIPAL

Assessoria de Planejamento:

Série: Projetos Arquitetônicos — 1947/1950

Este conjunto foi ordenado segundo sua ordem de chegada e cronologia. (Registro 2.135 a 3.500)

Secretaria de Turismo:

Série: Oktoberfest — 1984/1986

Série: Diversos

Fundação Promotora de Exposições de Blumenau: PROEB

Série: Correspondência — 1967

Série: Eventos — 1964/1967

Série: Relatórios — 1967

1.2 — FUNDO ESTADUAL

Diretoria de Terras e Colonização

Série: Linhas Coloniais — Blumenau 1880/1906

Linhas Coloniais — Blumenau 1910/1925

Deste acervo foram ordenados por ordem Geográfica/Cronológica

Inventariados 427 peças.

1.3 — COLEÇÕES DE DOSSIÊS

Foram arranjadas por áreas afins 31 pastas.

Organizou-se as coleções:

1.3.1 — Radiodifusão

1.3.2 — Museus do Brasil

1.3.3 — Museus de Santa Catarina

1.4 — DOCUMENTOS ICONOGRÁFICOS

Foram ordenadas de acordo com a classificação 15 fotografias.

1.5 — DOCUMENTO AUDIOVISUAL

O acervo que constitui esta tipologia documental está em fase de organização. O A.H.J.F.S. ao receber a antiga discoteca da PRC-4 Rádio Clube de Blumenau que é constituída de aproximadamente oito mil discos tem procurado agilizar os trabalhos de limpeza, classificação e ordenação dos mesmos. Adotou-se como método o catálogo com o registro de Fichas por Título/Autor e Intérprete. Atualmente foram ordenados 200 discos que exigiu o uso de 1.013 fichas.

II -- DOCUMENTOS DE GUARDA:

Sob a forma de doação o AHJFS recebeu os seguintes documentos:

BRACK, Franz.

Revista Liga Cultural e Recreativa do Vale do Itajaí —
exemplares 28

STEINBACH,

1 livro intitulado: "Mustergiltingen Kirchenbauten Mittelalters" — 1914

Dia: 16/06/87

GEORG, Edeltraud.

1 fotografia "Vapor Blumenau" — 1914

Dia: 17/07/87

RÁDIO CLUBE DE BLUMENAU

Oito mil discos — antigo acervo da PRC-4 — Rádio Clube de Blumenau.

III — PESQUISAS:

Foam realizadas 48 pesquisas. Os temas estão relacionados aos aspectos históricos, sócio-culturais, e econômicos da região. As pesquisas realizadas em periódicos tiveram fins probatórios.

IV — PESQUISAS DE INSTITUIÇÕES:

CRETZBERG, Leonard F.

Pesquisa: Hinalogia da IECLB

Instituição: IECLB — Joinville

Finalidade: Estudos

DECKKER, Ingeburg.

Pesquisa: Imigração Alemã em SC.

Instituição: UFSC — Florianópolis

Finalidade: Estudos lingüísticos

ROUVER, Vanderlei.

Pesquisa: História de Canelinha

Instituição: UFSC — Florianópolis

Finalidade: Publicação

RENAUX, Maria Luiza.

Pesquisa: História Social de Blumenau na primeira metade do Século XX

Instituição: FURB

Finalidade: Publicação

V — EXPOSIÇÕES:

Continua exposta na Galeria do Museu da Família Colonial o "Calendário através dos Tempos". O mesmo foi organizado pelo A.H.J.F.S.

VI — MICROFILMAGEM:

Foi concluído o trabalho de microfilmagem de periódicos editado em Língua Alemã. Este trabalho é fruto do Convênio entre Fundação "Casa Dr. Blumenau" e Programa Nacional de Microfilmagem de Periódicos.

VII — TRADUÇÕES:

— Tipos Excêntricos de Blumenau — José Deeke 3 pág.

CIA. HERING O pioneirismo da indústria têxtil blumenauense e a marca dos dois peixinhos, estão integrados na própria história da colonização de Blumenau e o conceito que desfruta no mundo todo é fruto de trabalho e perseverança em busca do aprimoramento de qualidade.

- Carta de um colono para sua mãe na Alemanha extraída do Periódico "Der Hansabote" O Mensageiro da Hansa, n.º 7 — ano 1905 — ANO I 2 pág.
 - Artigos comerciais extraídos do Will's Kalender 62 trad.
 - Atas de Reuniões do Cultur Verein 14 pág.
- Tradutora: Edith Sophia Eimer.

VII — TREINAMENTO E EXTENSÃO:

No mês de agosto a Profa. Sueli M.V. Petry concluiu o curso iniciado em março referente Organização e Administração em Arquivos realizado junto à UFSC — Florianópolis.

Considerações finais:

O trabalho que o arquivo vem apresentando é fruto da dedicação de seus funcionários que estão empenhados em agilizar a informação aos consulentes. Atualmente fazem parte do quadro 6 funcionários que realizam trabalhos de processamento técnico e atendimento ao público.

Blumenau, julho 1987.

Sueli M. V. Petry

Resp. Setor: Arquivo Histórico

Os primeiros oitenta anos de colonização alemã em Blumenau

INTEGRA DO ARTIGO QUE, A RESPEITO, PUBLICOU O JORNAL "DER URWALDSBOTE", DE 2 DE SETEMBRO DE 1930

"Der Urwaldsbote" — Ano 38
n.º 19 — terça-feira, 2 de
setembro de 1930.

Publicou o seguinte artigo comemorativo sob o título:

"Achtzig Jahre Kolonisation in Blumenau" (Oitenta anos de colonização alemã em Blumenau)

Hoje, oitenta anos passados, Dr. Hermann Blumenau colocou a pedra fundamental para a Colônia Blumenau. Um dia importante para nós e que merece ser comemorado. No entanto, a crise financeira não nos permite comemorar esta data com festas esplendorosas, e no entanto é uma obrigação nossa, nesta hora, fazer uma retrospectiva da obra daquele que, com muito esforço, conseguiu o que hoje chamamos de

Blumenau. Com incansável capricho e carinho, o cronista de nosso município, o senhor Theodor Lüders, trouxe novos aspectos desconhecidos ao grande público; e que aqui publicaremos como lembrança da data de fundação da cidade.

Uma série de artigos que caíram da pena do mesmo cronista sobre os 10 primeiros anos da fundação — 1850 até fins de 1859 — quando os primeiros colonos, com suas famílias, estabeleceram-se na floresta virgem; quem poderia imaginar que o pequeno empreendimento se desenvolvesse para a importância que hoje representa.

O dia comemorativo da fundação da Colônia há oitenta anos passados, faz lembrar, em primeiro lugar, o nome do fundador e

diretor permanente da Colônia, Dr. Hermann Blumenau, e os primeiros colonizadores de origem alemã, que nos anos de 1850/1859, ajudaram a colocar a pedra fundamental da nova Colônia.

Nunca será demais lembrar à nova geração sob que condições difíceis foram conquistadas as florestas virgens e os primeiros lugares para a construção de suas casas, suas plantações, etc., para assim estabelecer a base de uma nova pátria para os milhares de imigrantes e seus descendentes.

Para o fundador e dirigente da nova Colônia, Dr. Blumenau, os primeiros anos foram os mais difíceis e críticos de seu empreendimento. Com 27 anos de idade, veio o Dr. Hermann Blumenau, bem estudado e equipado, em julho de 1846 para o Brasil, com o propósito patriótico de apoiar os inúmeros imigrantes alemães daquela época: edificar uma nova e feliz Pátria, onde pudessem viver com seus costumes, seu idioma, onde suas tradições fossem preservadas. Como representante de uma Sociedade para a proteção de imigrantes, que foi criada em Hamburgo em 1845 e cujo objetivo era adquirir grandes complexos de terras, no sul do Brasil, o Dr. Blumenau chegou a este país.

Equipado com boas recomendações e as autorizações necessárias, entrou logo em contato com os governos das províncias.

Visitou as Colônias governamentais, fundadas em 1824 com imigrantes alemães na Província do Rio Grande do Sul (São Leo-

poldo, etc.) e a Colônia do Governo, (São Pedro de Alcântara) fundada em 1829, na Província de Santa Catarina. Assim obteve uma visão geral sobre o sucesso da colonização alemã no sul do Brasil.

Em fins de 1847, o Dr. Blumenau iniciou sua primeira viagem expedicionária ao grande vale do Rio Itajaí, cujas terras lhe tinham sido recomendadas como grandes e férteis para uma possível colonização. Chegou com seu amigo Ferdinand Hackradt e uma experimentada tripulação por via fluvial, pois por terra era impossível. O Dr. Blumenau subiu até a foz do afluente do rio Subida, para dentro do grande rio Itajaí, seguindo também importante afluente do rio Benedito, até a foz da confluência do rio dos Cedros.

A visão assim obtida da região em questão, foi de tal maneira favorável, que o Dr. Blumenau, sem perda de tempo, depois de seu regresso a Itajaí, seguiu para a capital da Província, Desterro (hoje Florianópolis), e lá, a 16 de março de 1848, apresentou à Assembléia Provincial, como representante da Sociedade de Emigração de Hamburgo, um pedido para a autorização de dez léguas quadradas no Vale do Itajaí e licença para estabelecer ali imigrantes alemães.

Ao pedido feito o Dr. Blumenau anexou um esboço das obrigações e direitos de ambas as partes, que assinaram o contrato. O documento foi entregue à Comissão para estudo no dia 18 de abril de 1848 e o mesmo encaminhou-

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

Banespa

Um dos colaboradores nas edições desta revista

se ao governo. O documento dizia o seguinte:

"Considerando que na Província de Santa Catarina existe o menor número de escravos, em comparação aos brancos ali radicados, e considerando que a Província muito sofreu com o recrutamento de homens para o serviço militar e marinha, sem que o governo atendesse as freqüentes reclamações junto às reuniões de deputados e o próprio governo. Esta Comissão, no interesse da Província, acha, por bem, importar trabalhadores e dar-lhes oportunidade de se estabelecerem."

"Considerando as vantagens da proposta de colonização do Dr. Blumenau, feitas referente às obrigações mútuas e ainda considerando o resultante progresso para a Província no setor de agricultura e criação de gado, etc., a Comissão achou a mesma de suma importância."

"A projetada fundação de uma colonização, enriqueceria em tempo previsto o número de moradores da Província, o que seria vantajoso, considerando a constante diminuição dos escravos e sua prevista libertação. Com a colonização de grandes áreas, os indígenas seriam espantados e possivelmente civilizados. Os resultados das culturas auxiliariam no abastecimento das áreas maiores."

"As propostas feitas pela Sociedade, com excessão de algumas, parecem ser boas e aceitáveis para a Província e a Comissão acha que as mesmas deviam ser aceitas e aprovadas pelo governo do Império.

Paço da Assembléa da Pro-

vincia de Santa Catarina, 18 de abril de 1848.

ass: Severo Amorim do Valle
Presidente da Comissão."

Com esta perspectiva de aprovação do projeto de colonização, o Dr. Blumenau esperava o definitivo consentimento do governo.

Neste meio tempo, ele recebeu a notícia esmagadora da dissolução da Sociedade em Hamburgo e a retirada de sua procuração. Com isto se desfizeram todos os sonhos feitos com relação aos planos de colonização. Mas o Dr. Blumenau não era homem que se deixasse abater tão facilmente. Pessoalmente possuía uma apreciável fortuna particular, assim como também o seu amigo Fernandó Hackradt. Os dois resolveram de imediato adquirir uma Colônia particular na região do Rio Itajaí. Naturalmente o Dr. Blumenau contava para o futuro, com o auxílio do governo brasileiro e o da Prússia, como também de alguns capitalistas que financiariam seu plano patriótico. Pediu ao governo da Província que transferisse a concessão para seu nome e o de Hackradt. O Dr. Antero José Ferreira Brito, naquele tempo Presidente da Província de Santa Catarina, e autorizado pela Assembléa Provincial para realizar o projetado plano para colonização, tinha grande confiança no talento colonizador do Dr. Blumenau e concedeu-lhe oito léguas quadradas de floresta virgem no Vale do Itajaí, para estabelecer imigrantes alemães.

Em maio de 1848 começaram os preparativos para a Colônia particular a ser fundada. Foram compradas várias terras de particulares que lhes pareciam vanta-

josas para um porto fluvial e uma cidade, sede administrativa, etc.; e mais outras que limitavam-se com a área a ser colonizada (na foz dos afluentes Velha, Garcia e do outro lado a margem esquerda do rio Itajaí). Foi iniciada a construção dos ranchos que serviriam de abrigo às pessoas e começaram os trabalhos de um porto fluvial de desembarque. Com estes trabalhos foi incumbido o senhor Hackradt, enquanto o Dr. Blumenau viajaria ao Rio de Janeiro e Alemanha para possíveis contatos de interesses para sua Colônia e conseguir o maior número possível de imigrantes alemães para o vale do Itajaí.

Após uma longa e difícil viagem num veleiro, o Dr. Blumenau chegou em novembro de 1849 à Alemanha e encontrou condições extremamente precárias: conseqüências das últimas agitações políticas. O governo da Prússia rejeitou qualquer auxílio ao empreendimento do Dr. Blumenau. Alguns amigos, mesmo bem intencionados, não estavam em condições de auxiliar naquele momento os projetos do Dr. Blumenau. Grandes comerciantes e capitalistas estavam empenhados na formação de uma Sociedade Colonizadora em Hamburgo, para colonizar vastas áreas pertencentes ao príncipe de Joinville, cunhado do imperador do Brasil, D. Pedro I, e que eram oferecidas com preços vantajosos. A Sociedade foi definitivamente fundada em 1849 e em 1851 começou a estabelecer imigrantes alemães na Colônia Dona Francisca, mais tarde Joinville.

Tão desfavorável como as solicitações de auxílio foi a primeira propaganda escrita por Dr.

Blumenau, para obter imigrantes. Agentes emigratórios de outros países como: América do Norte, México, Chile, Austrália, etc., faziam ampla propaganda com deturpação da realidade. Prometiam rios de ouro, mas silenciavam sobre o árduo trabalho que os esperava. Estes agentes estavam somente interessados no número elevado de pessoas angariadas, para depois receber o dinheiro que lhes era pago por cabeça.

O Dr. Blumenau, cuja opinião correta, honesta e patriótica não permitia o uso de tais subterfúgios, mas sim não fazia segredo do árduo trabalho que esperava os homens na Nova Terra. Escolhia somente homens fortes e saudáveis. Com isto pouco conseguiu para emigrar ao Brasil e precisamente ao Vale do Itajaí. Um maior número de imigrantes Pomeranos que já tinham confirmado sua viagem, foram persuadidos por agentes a emigrar à América do Norte e ao México. Com sua malograda tentativa de conseguir imigrantes, o Dr. Blumenau já perdera muito tempo e resolveu regressar, para ali junto ao governo brasileiro, tentar despertar o interesse para a imigração alemã por intermédio da influência política.

Antes de sua partida da Alemanha, que ocorreu em março de 1850, o Dr. Blumenau combinou ainda com seu sobrinho Reinhold Gaertner, que se decidira a acompanhá-lo, seguir com os poucos imigrantes que se apresentaram para viajar num dos próximos navios.

A despedida de seus pais, irmãos, parentes e amigos foi dolorosa para ele, tanto mais que sabia que enfrentaria muitas difi-

culdades para levar honestamente avante este seu projeto de colonização. Somente depois de 34 dias de viagem acidentada num velho veleiro, o Dr. Blumenau chegou em julho de 1850 ao Rio de Janeiro, onde pouco antes grassara uma epidemia de febre amarela.

Em uma carta, que pouco depois de sua chegada escreveu a um amigo, ele relata: — “Na minha chegada, bem contra a minha vontade e costume, sentia o coração pesar como chumbo. Seria prenúncio do que me esperava ou era o ar que ainda estava carregado de febre amarela? Desanimado me dirigi ao escritório de meus amigos, os senhores Schröder e Cia. Aqui encontrei um pacote de cartas que haviam chegado para mim, durante o tempo que estivera em alto mar. Uma das primeiras cartas me trouxe a triste notícia da morte de meu pai, no dia 2 de abril de 1850, com 79 anos de idade. Uma segunda carta me trouxe a notícia de uma perda que muito me afetou e destruiu uma longa esperança na vida. Uma terceira carta era de meu sócio Ferdinand Hackradt, que pedia que trouxesse dinheiro o quanto antes, senão estaria tudo perdido, mas ainda o mesmo comunicava-lhe que pretendia ir embora de qualquer maneira e que a serraria estava em perigo de ser totalmente arruinada por uma segunda enchente e que as tábuas em reserva só podiam ser vendidas por um preço mínimo.

De posse dessas notícias que o abalaram muito, o Dr. Blumenau não se deixou desanimar. Assim dirigiu-se confiante ao governo imperial brasileiro e teve a sorte de que lhe concedessem um

empréstimo de 10 contos. Prometeram também um auxílio para viagem dos imigrantes e auxílio na propaganda iniciada por ele, com o apoio do encarregado do comércio do governo imperial na Alemanha.

Amigos no Rio de Janeiro animaram o Dr. Blumenau, prometendo que se interessariam por seus planos junto ao governo e junto a pessoas influentes; um amigo ajudou-o ainda com um empréstimo.

Depois de uma ausência de dois anos, o Dr. Blumenau finalmente voltou ao Vale do Itajaí, na esperança de que os trabalhos preliminares para o recebimento dos imigrantes tivessem sido feitos por seu sócio, o senhor Hackradt. Ambos haviam deliberado sobre o que poderia ser feito com o capital restante disponível de 9 contos antes da viagem, assim como a compra de mais alguma terra particular.

Amarga decepção sofreu o Dr. Blumenau na sua chegada à foz do afluente da Velha, em cujas margens viam-se os trabalhos iniciados. Provisórios barracos mal construídos, a serraria prestes a cair, o pasto sujo e mal cuidado, onde pastavam 8 bois de tração e uma vaca mal nutrida. Insignificantes plantações e somente dois trabalhadores, foi o que o Dr. Blumenau encontrou ao examinar minuciosamente a região. E o que era pior, no caixa não havia mais dinheiro. O senhor Hackradt desculpou-se com a dificuldade de conseguir elementos para o trabalho, as condições climáticas que eram péssimas e declarou sua retirada da sociedade. Além disto, exigiu a restituição de seu capital que co-

locara no negócio e uma indenização por seus serviços prestados até o presente momento.

Neste interim veio a notícia da chegada dos primeiros imigrantes ao porto de Itajaí, na companhia do senhor Reinhold Gaertner e que os mesmos já vinham subindo o rio Itajaí.

No dia 2 de setembro de 1850, aconteceu a chegada de 17 pessoas de origem alemã na foz do rio Velha, onde na última hora ainda tinham sido feitos preparativos para a recepção e abrigo para os mesmos.

Sobre a viagem marítima dos primeiros imigrantes, nos informa um dos mesmos, senhor Paul Kellner, que relata o seguinte: "após uma difícil travessia, chegamos a 2 de agosto, no porto de Santos.

Aqui somente desembarcaram uns poucos passageiros que pretendiam seguir para São Paulo. De Santos seguimos para a ilha de Santa Catarina, onde em Desterro, capital da Província, permanecemos alguns dias para regularização alfandegária. Aqui a bordo de um pequeno barco costeiro, fomos levados à Itajaí e mais o rio acima até a foz do afluente Belchior, onde nos esperava o senhor Hackradt. Numa primitiva balsa, seguimos com todos os nossos pertences até o lugar do desembarque definitivo."

O Dr. Blumenau fixou o dia da chegada destes primeiros 17

imigrantes, 2 de setembro de 1850, como dia da fundação da Colônia Blumenau.

Agora Dr. Blumenau assumiu sozinho a direção da empresa e encontrou forte apoio nos primeiros que aqui haviam chegado: Reinhold Gaertner, Franz Sallentien, Paul Kellner, Julius Ritscher, Daniel Pfaffendorff, Friedrich Geier, Friedrich Romer, Erich Hoffmann, Andréas Bötcher, Wilhelm Friedenreich (casado) e Andreas Kuhlmann (casado). Ao todo 9 homens solteiros, 2 casados, 2 mulheres, 2 adultas e 2 meninas pequenas."

Ferdinand Hackradt, o até então sócio, abandonou a Colônia, indo para Desterro, onde assumiu um pequeno estabelecimento comercial, que no decorrer dos anos levantou para um marcante e próspero negócio de importação e exportação.

A fase de desenvolvimento da Colônia nos primeiros dez anos, 1850 até 1859, foi difícil e preocupante para o fundador, assim como para os colonos, que somente com energia férrea e espírito de luta pioneiro alemão, conseguiram o progresso que experimentou nas seguintes décadas."

(Tradução: Edith S. Eimer)

NCTA — A coleção completa do "Der Urwaldsbote", inclusive em microfílm, acha-se no Arquivo Histórico da Fundação "Casa Dr. Blumenau".

VOCÊ SABIA?

— QUE o primeiro cinema inaugurado no Brasil foi o do Sr. Frederico Guilherme Busch Sênior, em Blumenau, a 15 de novembro de 1907? A notícia está nas páginas do jornal "A Nação", de 13 de novembro de 1943.

FIGURA DO PASSADO

DR. BENEDITO DE CAMARGO ROCHA

José Gonçalves

No dia 5 de agosto corrente, faleceu nesta cidade o Dr. Benedito de Camargo Rocha, médico cirurgião e especializado também em cirurgia plástica e que durante mais de duas décadas exerceu, com destaque, a profissão em Blumenau. Ele atuou muitos anos no campo da cirurgia

no Hospital Sto. Antônio, serviu ao antigo SANDU (Serviço Assistencial Médico Domiciliar Urgente), no INAMPS e clínica particular.

Benedito de Camargo Rocha destacou-se mais, durante essas décadas, pelas suas qualidades humanitárias, pelos exemplos de amor fraterno para com seus semelhantes e, em especial, àqueles que o procuraram para curar seus males. Fez caridade com suas mãos exímias de cirurgião, deixou de lado o interesse pecuniário, usando a sua habilidade de médico como um sacerdócio em benefício dos

menos favorecidos pela sorte. Neste campo, foi sempre justo e perfeito em todas as suas ações, reunindo em torno de sua pessoa, um vasto círculo de gratidão, respeito e admiração.

Não vamos, todavia, nesta introdução, nos alongarmos. Recordemos e recapitulemos o que este jornalista escreveu, em 1962, na crônica diariamente escrita para o jornal "A Nação" e o programa "Revista Matinal", na antiga PRC-4 — Rádio Clube de Blumenau, a respeito da atuação do Dr. Benedito de Camargo Rocha — vejam só, há 25 anos passados. A crônica daquela época intitulava-se "Bom-Dia Para Você" e, no seu conteúdo, dizíamos, na íntegra, o seguinte:

BOM-DIA PARA VOCÊ, Dr. Benedito de Camargo Rocha, médico cirurgião do Hospital Santo Antônio. É para você, nobre profissional da medicina, que eu dedico este meu bom-dia.

Você, Dr. Camargo Rocha, tem sido, algumas vezes, injustiçado com críticas apesar do seu trabalho humanitário, à frente de uma seção do Hospital Santo Antônio, voltada para os menos favorecidos pela sorte, especialmente intervenções cirúrgicas em socorro a indigentes.

Se todos os blumenauenses, em especial aqueles que às vezes o ferem com críticas à sua humanitária pessoa, se dessem ao trabalho de conhecê-lo melhor, de acompanhar mais de perto os benefícios que você presta à gente pobre e não só de Blumenau, mas de todo o Vale do Itajaí, salvando vidas com sua habilidade profissional, inteligência



Médico
cirurgião
Dr.
Benedito
de
Camargo
Rocha

e tirocínio privilegiados para a profissão que abraçou, talvez olhassem com mais carinho, com mais simpatia e gratidão para a sua figura de homem simples, comunicativo e de coração magnânimo, qualidades que lhe são inegáveis, Dr. Camargo Rocha.

Nós tivemos a ventura de, em várias oportunidades, testemunhar sua dedicação e até sacrifícios, na missão de salvar preciosas vidas de gente humilde. Lembramo-nos, sempre emocionados, aquele dia em que você, Dr. Camargo Rocha, determinou que fosse levado com rapidez para a sala de cirurgia, um menino de doze anos de idade, filho de pais paupérrimos, residentes em Barracão, Brusque. A operação teve a duração de mais de quatro horas. Você terminou sua tarefa já pela madrugada, salvando o menino que havia ingerido 254 (duzentas e cinquenta e quatro) bagas de tucum; e, para espanto nosso, três horas após terminada aquela cirurgia, ou seja, às 6:30 da manhã, com apenas pouco mais de duas horas de repouso, você, com a mesma dedicação de sempre, resistindo ao cansaço, já se achava novamente na sala de cirurgia para realizar outra intervenção que teve duração de mais de duas horas.

Esses fatos, estas provas de abnegação, no cumprimento de sua nobre missão de salvar vidas, ocorrem quase que diariamente. E, convenhamos: se você, Dr. Camargo Rocha, cobrasse o que seria justo pelo seu trabalho profissional, seria um dos homens mais ricos de nossa comunidade. Mas você não é. Isto porque, você, Dr. Camargo, embora percebendo uma insignificância da municipalidade pelo seu serviço extraordinário e admirável que presta à classe pobre da região, jamais deixou de cumprir com o seu dever. Por isso você será um médico de poucos recursos financeiros. E não é justo ser criticado, às vezes, por pessoas que exigem de você mais do que é razoável e possível.

Ante as críticas injustas recebidas, um outro profissional talvez respondesse com aspereza e irritado. Mas você nunca chegou a tais extremos, aceitando tudo com paciência, tolerância e generosidade, mostrando um admirável equilíbrio, uma consciência tranqüila pelo dever de humanidade que vem cumprindo.

E é por conhecer a extensão do valor de seus benefícios, Dr. Camargo Rocha, em prol da gente mais humilde; por sentir que é preciso lhe fazer justiça por tanto bem que você fez e sempre fará sem alarde, sem procurar a paga justa e perfeita pelo seu trabalho; porque você, com a experiência obtida na sua tarefa difícil, continua sempre decidido a salvar tantas vidas de seres humildes, que dependem de sua capacidade para continuarem vivendo; por saber que você, Dr. Camargo Rocha, é um verdadeiro apóstolo da profissão que abraçou, e que, por cumprir esta missão de maneira tão sublime, em favor dos mais necessitados, sem nada receber em troca, mesmo um

CREMER Produtos têxteis e cirúrgicos. Conserva através dos anos o conceito de qualidade superior no que fabrica, garantindo com isso um permanente mercado absorvente nas Américas e noutros continentes, levando em suas etiquetas o nome de Blumenau.

pagamento razoável, você será sempre um médico pobre, mas possuidor da mais valiosa riqueza que enobrece o homem: a fraternidade e a consciência plena do dever cumprido; um médico que talvez nunca possuirá grandes recursos financeiros; mas que possuirá sempre em enlevo sua grande alma, um coração generoso e bom, em favor dos que vão à sua procura, em número cada vez maior, buscando, através de suas mãos generosas, o cirurgião que extirpe de seu corpo o mal que os aflige.

É por tudo isto e muito mais que, nesta crônica não poderia equacionar que eu lhe dedico hoje este meu bom-dia.

Em nome dos humildes que tantos benefícios receberam de você; em nome daqueles que se contam às centenas, que lhe devem a vida; em nome da própria sociedade, a qual você tem devolvido pessoas perfeitamente restabelecidas, eu formulo ardentes votos pela sua felicidade pessoal, e para que Deus o auxilie e o inspire sempre neste espinhoso e nobre caminho que você trilha, dedicando-lhe, hoje, Dr. Benedito Camargo Rocha, médico cirurgião dos pobres e indigentes, lotado no Hospital Santo Antônio, este meu entusiástico e emocionado BOM-DIA PARA VOCÊ!

— O —

NOTA — Benedito de Camargo Rocha nasceu em Agudos, São Paulo, no dia 26 de novembro de 1912. Fez seus estudos preliminares no Seminário de Lorena e os estudos superiores na Faculdade de Medicina da Universidade do Paraná, formando-se em clínica cirúrgica. Fez alguns estágios em centros clínicos de São Paulo, chegando em Santa Catarina em 1949, para assumir a clínica cirúrgica no Hospital de Vila Itoupava. Depois de alguns anos transferiu-se para Blumenau, atuando no Hospital Santo Antônio e noutras atividades que foram citadas aqui. Há cerca de uma década e pouco, realizou em São Paulo, um curso de especialização em cirurgia plástica. Seu sepultamento ocorreu no dia 6 de agosto corrente, no cemitério evangélico de Blumenau, com a presença de centenas de pessoas amigas que lá foram dar-lhe seu último adeus.

O SÁBIO NATURALISTA

Vivo fosse, certamente gostaria que lhe pintassem seu quadro como ele era, com suas rugas, sardas e expressivo olhar, penetrante e iluminado. Para descrever FRITZ MÜLLER necessário dizer que se o chamássemos **sábio**, quereria que se dissesse também que foi um **radical**. Viveu para refletir, meditar, pensar, raciocinar e pesquisar, não fazendo concessões.

Se seu pai foi um Pastor,

Fritz Müller, agnóstico, enfrentou dificuldades, desde a Alemanha (onde nasceu, em 1822, em Windischholtzhausen, exatamente no ano em que era Proclamada a Independência do Brasil). Ao colar grau, negou-se prestar juramento, porque continha conceitos contrários à sua formação de ateu. Não tendo recebido, por isso, o seu diploma, emigrou para o Brasil, em 1852, com 30 anos de idade.

De princípio veio residir em

Blumenau, dedicando-se à agricultura. Lá também enfrentou problemas religiosos com a colônia protestante. O próprio Hermann Blumenau cuidou de fazê-lo mudar-se para Desterro, vindo a lecionar matemática e história natural, no Liceu Catarinense.

Manteve assídua e permanente correspondência com Charles Darwin, seu mestre, 20 anos mais velho, e com Ernest Haeckel, outro naturalista da sua idade, também discípulo de Darwin. Suas correspondências foram anteriores à publicação dos "resumos" sobre "A Origem das Espécies" de Darwin. Já contava o Mestre, portanto, com os subsídios que seu discípulo, — a quem o denominou afetivamente de "Príncipe dos Observadores" — daqui do novo continente lhe remetera sobre a classificação das espécies. Para Haeckel repassou suas pesquisas embriológicas e da fauna marinha.

Fritz Müller escolhera a Praia de Fora para residir. Desterro, atrasada como era, olhava pasmada aquele alemão alto, magro, louro, de barba inteira, curta e rala, a passar grande parte do seu tempo, com as calças arregaçadas acima dos joelhos, dentro do mar, recolhendo plantas, moluscos e crustáceos inéditos da flora e fauna marinhas. Cuidadosamente levava-os para casa, para classificá-los e aprofundar seus estudos, repassando seus pensamentos e descobertas para Darwin e Haeckel.

Há registros de que os 12 anos mais fecundos de suas pesquisas foram realizadas aqui no Desterro. Contudo, quando os jesuítas entraram no Liceu Catarinense, Fritz Müller imediatamente retornou para Blumenau. Sempre radical, nem mesmo no outono da vida faria concessões...

Pois esse insigne naturalista alemão, que veio a falecer em 21 de maio de 1987, na cidade de Blumenau, foi o maior de todos os nossos pensadores.

Suas observações e estudos estão nos quatro volumes escritos em alemão, recolhidos positivamente por seu sobrinho Alfred Müller.

Sabe-se que a cidade de Blumenau possui esses exemplares, muito pouco lidos e estudados, que até hoje reclamam uma tradução para o português.

Essa injustificável omissão, que agora já pode ser creditada às próprias autoridades, impede que se conheça e se tribute o devido valor a esse grande cientista e pensador, que inclusive chegou a ser o mestre do grande simbolista Cruz e Sousa.

Para lembrar Fritz Müller na passagem dos 90 anos de seu falecimento o INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SANTA CATARINA reverencia a sua memória, fazendo esse registro.

(Pronunciamento feito pelo Orador do I.H.G.S.C., Paschoal Apóstolo Pitsica, no Palácio Cruz e Sousa, na sessão de 22 de maio de 1987)

MAFISA Uma etiqueta facilmente encontrada em todo o comércio brasileiro. O aprimoramento constante do que produz, tornou MAFISA tão obrigatório o uso dos seus produtos quanto o desejo dos brasileiros de conhecer Blumenau e seu povo.

Subsídios Históricos

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Excertos do "Kolonie-Zeitung" (Jornal da Colônia), publicado na colônia Dona Francisca, Joinville, a partir de 20 de dezembro de 1862.

Notícia de 24 de março de 1866:

Dona Francisca — Linha Telegráfica entre o Rio e Porto Alegre. Recebemos do chefe da oficina do telégrafo do Rio de Janeiro Sr. J. Georg Repsold, a seguinte comunicação:

"A primeira linha principal do telégrafo terá somente quatro estações: Rio, Santos, Santa Catarina (Desterro) e Porto Alegre e estas serão montadas com aparelhos para comunicação rápida, sistema Morse. Uma segunda linha, que será instalada ao mesmo tempo, comportará, ao contrário, maior número de estações e deverá servir mais aos telegramas particulares. As estações são as seguintes, a partir do Rio de Janeiro: Itaguari, Mangaratiba, Angra dos Reis, Parati, Ubaituba, São Sebastião, Iguape, Paranaguá, São Francisco, Itajaí, Laguna e Torres. — Como é fácil verificar por esta lista, os pontos de comunicação com a Capital são numerosos e além disso, deu-se atenção às colônias alemãs, as quais poderão facilmente introduzir um ramo secundário — Dona Francisca com São Francisco e Blumenau com Itajaí."

Notícia do mesmo dia 24 de março:

Comunicação importante:

A Câmara Provincial resolveu elevar a colônia Dona Francisca a Município.

Notícia de 31 de março de 1866:

Dona Francisca. Entre as resoluções até agora tomadas na reunião da Câmara Provincial, para nós de suma importância é a elevação da colônia Dona Francisca a Município. O referido Projeto de Lei foi elaborado pelo Dr. Pitanga e aprovado pela Comissão em três sessões e se compõe dos seguintes itens: 1 — Será desmembrada do Município de São Francisco Xavier do Sul a área doada à Princesa Dona Francisca, para formar um Município com o nome de JOINVILLE. 2 — A sede deste Município será a Paróquia São Francisco Xavier de Joinville. 3 — O novo Município terá a sua efetivação assim que os habitantes tiverem construído, às suas custas, ou tiverem comprado e mobiliado um edifício apropriado para as respectivas sessões. Tal edifício será propriedade da Câmara Municipal. Ainda foi aprovada a seguinte emenda: No novo Município deverá ser criada uma agência da coletoria provincial para a arrecadação dos devidos impostos. A resolução ainda depende da sanção do Presidente.

Notícia de 7 de abril de 1866:

Dona Francisca. — A resolução da Câmara Provincial, que elevou a colônia Dona Francisca a município, foi sancionada pelo Presidente.

A Câmara Provincial recebeu um requerimento, pedindo a nomeação de um tabelião para o município de Joinville.

Os nossos voluntários da Pátria

Elly Herkenhoff

Desde o agravamento da crise existente nas relações Brasil-Paraguai, em fins de 1864, as notícias aqui chegadas e semanalmente publicadas pelo nosso "Kolonie-Zeitung" (Jornal da Colônia), eram acompanhadas com o mais vivo interesse e enorme preocupação pelos imigrantes — sobretudo após a invasão da Província do Mato Grosso por duas colunas paraguaias e a tomada do Forte Paysandu por forças brasileiras, a 2 de janeiro de 1865.

A 7 de janeiro do mesmo ano o governo do Império criava as corporações dos "Voluntários da Pátria", ao mesmo tempo em que ordenava a mobilização geral no País.

E já em fevereiro, o então Sub-Delegado de Joinville, Dr. Adolf Haltenhoff — mais tarde, nosso primeiro Prefeito — mandava afixar na porta das duas igrejas e distribuir pela Colônia, uma proclamação inflamada, convidando os imigrantes entre 18 e 50 anos a se alistarem como voluntários, a exemplo do que estava acontecendo no Rio Grande do Sul e em outros núcleos de colonização alemã do Império.

Simultaneamente quase, o imigrante alemão Wilhelm Hoffmann, em proposição feita ao Governo, ofereceu-se para cuidar da organização de um contingente de voluntários na Colônia, conforme se verifica pela notícia publica-

da a 9 de setembro do mesmo ano de 1865:

"À Frente, Voluntários!

Em fevereiro deste ano, o sr. Wilhelm Hoffmann, em proposição feita ao Governo Provincial, ofereceu-se a formar, sob determinadas condições, uma corporação de voluntários da Colônia. Parece ter chegado o momento, em que esta proposição será aceita e, como auxílio rápido e duplo auxílio, seria aconselhável que todos aqueles que pretenderem seguir para a guerra, se apresentem imediatamente, ficando deste modo de prontidão".

E apesar das muitas notícias assustadoras, sobre as péssimas condições reinantes nos alojamentos das tropas em Desterro (Florianópolis), então transformada em verdadeiro acampamento militar, outra conclamação foi publicada no Jornal de 23 de setembro:

"Homens e Rapazes da Colônia!

Sua Excelência o Presidente da Província de Santa Catarina acaba de aprovar, com data de 16 do corrente, a organização de um contingente de voluntários, sob as ordens de oficiais alemães, dizendo ao mesmo tempo, que ficaria muito satisfeito, se o número de voluntários alemães da Província fosse suficiente para formar um batalhão genuinamente alemão. Tal contingente aqui forma-

VOCE SABIA?

— QUE a primeira máquina "linotype" montada em Blumenau foi nas oficinas do jornal "A Nação", em setembro de 1943?

do, será considerado um Batalhão de Caçadores e receberá, além do fardamento completo, equipamentos e armas "à Minié". O engajamento e a uniformização, bem como os exercícios preliminares, serão aqui realizados. Gozarão de todas as regalias outorgadas a todos os voluntários, pelo Decreto de 7 de janeiro do corrente ano, e o comando, bem como todo o serviço interno, serão efetuados em língua alemã. O soldo diário de cada um dos voluntários, acrescido de abono, importa em 808 Réis, a partir da data do engajamento. Para aqueles voluntários, que desejarem entregar parte ou mesmo o total do seu soldo aos seus familiares, a respectiva importância estará sempre à disposição, na Mesa de Rendas de São Francisco.

O abaixo assinado, encarregado da estruturação do contingente, apela a todos os homens válidos da Colônia, bem como aos residentes fora do Distrito e que tenham entre 18 e 50 anos de idade, no sentido de se apresentarem, podendo fazê-lo diariamente entre às 8 horas da manhã até às 6 horas da tarde. No entanto, os que não puderem ou não quiserem atender a este chamado, não deverão dificultar a decisão daqueles que pegarem em armas, procurando dissuadi-los ou removê-los de sua resolução, mas — ao contrário — deverão apoiá-los com todas as suas forças, por se tratar de causa comum do País, uma causa que é também a sua, e da qual nenhum homem de bem se furta com evasivas.

Colônia Dona Francisca, 20 de setembro de 1865.

Wilhelm Hoffmann".

Os benefícios assegurados

aos voluntários pelo referido decreto de 7 de janeiro, constavam do seguinte:

Uma gratificação de 300 Mil-réis e mais 22.500 braças quadradas de terras a lhes serem entregues por ocasião do seu desligamento, imediatamente após a celebração da paz. As famílias daqueles que viessem a tombar, teriam direito a pensão ou meio soldo e aqueles que voltassem inválidos, teriam o dobro do soldo dos voluntários.

Na realidade, as notícias procedentes da Capital não eram nada animadoras. Aumentavam os casos fatais de disenteria e varíola entre os jovens recrutados, já pela falta de médicos e de medicamentos nos hospitais e conseqüentemente ia aumentando o número de desertores, que na fuga quase sempre levavam a arma para se defenderem, em caso de recaptura...

Além destes e de outros fatos realmente desalentadores, circulavam boatos e mais boatos — como a notícia sobre um grupo de voluntários, que teria sido algemado em Laguna e assim transportado em condições aviltantes até a Capital — notícia esta que leva o "Kolonie-Zeitung" a comentar que "um tratamento vergonhoso destes, certamente não é apropriado a aumentar o entusiasmo de quem quer que seja, para o serviço militar"...

A 14 de outubro o "Kolonie-Zeitung" publicava uma notícia, segundo a qual o Presidente da Província havia decidido adiantar a importância de 50 Mil-réis a qualquer voluntário alemão, pai de família — notícia esta que levou os voluntários casados a reclamarem do Alferes Wilhelm

Hoffmann o adiantamento supostamente prometido pelo Governo e, diante da impossibilidade de serem atendidos, muitos dos nossos voluntários já alistados resolveram desligar-se, diminuindo consideravelmente o contingente, conforme a notificação publicada a 26 de outubro e subscrita pelos membros da Comissão Imperial do Alistamento e Encaminhamento dos Voluntários de Joinville, composta pelos cidadãos: Vigário Carlos Boegershausen, G.A. Otto Niemeyer, Dr. Adolfo Haltenhoff, Dr. Wigand Engelke, que lamentavam profundamente o mal-entendido e as suas conseqüências, reconhecendo, ao mesmo tempo, ser impossível para um chefe de família abandonar os seus, sem lhes deixar ao menos uma garantia ou pequena soma em dinheiro... E no domingo, 29 de outubro de 1865 — há exatamente 120 anos — daqui partiu o contingente de 23 voluntários joinvilenses, conforme nos relata o "Kolonie-Zeitung" do sábado seguinte, 4 de novembro:

"Os nossos Voluntários da Pátria, em número de 23 homens, embarcaram no dia 29 de outubro. Convocados para as 7 horas da noite, reuniram-se no Restaurante Ravache, onde lhes foi servido um jantar. Depois de lhes ter sido entregue a Bandeira, formaram em frente ao Restaurante e dali seguiram para o porto, precedidos por uma banda de música, pelos componentes da Sociedade de Ginástica e pelo corpo da Sociedade de Canto "Saenger-

bund", ambos os grupos com o seu estandarte e seguidos por incontável multidão. Em frente à casa do Sr. Ulrichsen, que não apenas havia iluminado a sua casa, mas ainda transformado a praça do porto em verdadeira praça de festa, com muitas palmeiras e lampiões chineses, a primeira pessoa a discursar foi o Sr. Diretor da Colônia, Otto Niemeyer, depois o Vigário Boegershausen dirigiu-se aos voluntários com palavras candentes e em seguida foi a vez do chefe do grupo, Alferes W. Hoffmann, que agradeceu as homenagens, enquanto vivas e mais vivas intermináveis ao Imperador e ao Império, ao Exército e à Marinha, aos Voluntários, à Colônia e ao seu Diretor — ecoavam pelos ares.

A banda de música executou o Hino Nacional e o coral da "Saengerbund" cantou algumas canções. Em seguida, o sr. Ulrichsen ofereceu um copo de bebida aos voluntários, antes de entrarem no barco, para descerem com a vazante até a Barra do Araquari, de onde marcharam até Desterro".

Na capital, já estavam acampados os grupos de voluntários alemães de Blumenau e Brusque, aos quais os nossos foram se reunir. Dos 23 homens, 3 se desligaram, enquanto outro joinvilense, de passagem em Desterro, ali mesmo resolveu se alistar, perfazendo assim o total de 21 voluntários nossos, cujos nomes são os seguintes:

Alferes Wilhelm Hoffmann,

SUL FABRIL Um nome que todo o Brasil conhece porque é etiqueta das mais afamadas confecções em malhas de qualidade inconfundível e que enriquece o conceito do parque industrial blumenauense

Adolf Baurath, Car von Reibnitz, Franz Stern, Carl Eisendecker, Friedrich Knappe, Hermann Blum, Georg Ziegler, Adolf von der Osten, Christian Meyer, Louis Richter, Hans Tesch, David Gentsner, Hermann Uetzfeld, Eduard Seiler, Jacob Wenz, Wilhelm Neuschaefer, August Graefe, Emil Gaensly, Jacob von Vossen, Jacob Majerus.

A 26 de novembro — um domingo — após a cerimônia do juramento à Bandeira e grande parada militar, os voluntários alemães de Santa Catarina embarcaram, rumo aos campos de batalha do Paraguai.

Existe uma documentação preciosíssima, em forma de seis cartas, seis longas cartas, escritas pelo Alferes Hoffmann e sucessivamente publicadas nas colunas do "Kolonie-Zeitung", trazendo a última a data de 4 de abril de 1866. Essas cartas nos contam o que foram os quatro primeiros meses de uma guerra, que somente chegaria ao fim com a morte do ditador paraguaio Lopez, ocorrida a 1.º de março de 1870 — uma guerra que foi o mais longo, o mais acirrado e cruel confronto entre dois povos irmãos da América do Sul.

Histórico da cidade de São Joaquim e os costumes de seu povo

Maria Batista Nercolini

7.º Capítulo

P O L Í T I C A

Dando continuação ao nosso 6.º capítulo, apresentamos os nomes e traços biográficos de nossos Deputados Estaduais, de acordo com o Dicionário Político Catarinense.

(Continuação)

CEL. SEBASTIÃO DA SILVA FURTADO

Nasceu em Lages, no século passado, era filho do Cel. Moisés Furtado e Da. Emilia Ribeiro Furtado.

Moço, ainda, ingressara nas lides jornalísticas, para a qual tinha notável predileção na expansão de uma cultura invejável, que afluía prometedora, na ânsia de vãos mais amplos, que não podia sofrer. Assim começara a caminhada pública de Sebastião da Silva Furtado.

Com Thiago de Castro, Caetano Vieira da Costa e Fernando Afonso de

Athayde, fundaram o conceituado e respeitável órgão "Região Serrana", em 1897, atuante e autorizada voz da zona serrana do Estado, pela sua dessombreada pregação cívica e doutrinária, que, à época fora um dos jornalistas líderes da imprensa catarinense, infável coluna mestra do então Partido Republicano Catarinense, do qual sempre fora categorizado arauto.

Sebastião da Silva Furtado, já havia ensaiado seus primeiros passos como inteligente jornalista, colaborando em todos os jornais da terra, desde "O Lageano" de 1883 até os da época, antes da sua morte prematura. Na "Gazeta de Lages", no "Município" e outros, a sua pena revelava um entusiasta propagandista da República, na sua fase preparatória.

Na vida jornalística de Lages, o seu nome se impõe, com respeito e admiração e, a sua cultura não só se relevava nos artigos que escrevia, mas nos versos que falavam da sua alma nobre, e sentimental, poeta na expres-

são do termo. Dignificou as letras lageanas, desde a sua arrancada jornalística quando a imprensa da terra, já revelava o cabedal intelectual que por aqui se impunha, elevado e promissor.

Conselheiro Municipal, várias vezes, Deputado Estadual por Lages e São Joaquim, em seguidas legislaturas, começando por 1896 o Congresso do Estado, onde desempenhou importantes atribuições com sabedoria e equilíbrio, tomando parte em várias comissões, conquisitou renome e admiração pela eloquência como sabia arrebatá-la a assistência, numa linguagem elevada e elegante.

Foi advogado por muito tempo, depois Promotor Público da Comarca, tendo partilhado, com inteligência e critério no movimentado processo contra os Irmãos Brocatos, que agitou, não só Lages, como o Estado e até o País, onde o desempenho da justiça lageana, recebeu os maiores encônios pela brilhante atuação, em rasgados elogios, até do estrangeiro, no desfecho da horrorosa tragédia, que ensanguentou Lages, nos primórdios do século presente, nesse ruidoso processo Sebastião Furtado serviu como defensor da sociedade lageana.

Na fundação do veterano Clube "1.º de Julho", a sua alma vibrátil se fundira aos entusiastas da época, foi um dos fundadores tendo elaborado os seus estatutos e foi o seu primeiro orador, na fase da sua organização.

A sua palavra fácil empolgava pela erudição, pelos conceitos e pelas imagens com que exprimia seu pensamento, ao seu tempo, tanto na tribuna, como na imprensa, ou onde quer que fosse a sua cultura conquistou largo prestígio popular, foi, um dos grandes tribunos catarinenses que, sobremaneira, honrou e dignificou a terra que o viu nascer, preciosa gema, ainda, cintilante no rico e invejável diadema da Princesa da Serra.

Faleceu em novembro de 1915, provocando geral consternação.

Da Revista Indústria e Comércio.
(No bi-centenário de Lages)

HERCILIO VIEIRA DO AMARAL

Natural da fazenda do seu avô, Antônio Caetano do Amaral, Bom Jardim (hoje município de Bom Jardim da Serra) (então município de São Joaquim), SC, a 11.5.1838, filho de Prudente Luís Vieira e de D. Maria dos Prazeres do Amaral Vieira.

Passou os primeiros anos de vida na fazenda das Tijucas, de seu pai. Conselheiro (Vereador) à Câmara Municipal de São Joaquim, SC, representando o distrito de Bom Jardim. Deputado ao Congresso Representativo do Estado à 12.ª legislatura (1927). Deputado à Assembléia Constituinte Estadual (1928) e à 13.ª legislatura (1928-1930). Prefeito Municipal de São Joaquim, nomeado pelo Interventor Federal no Estado (1940-1945). Fundador do Partido Social Democrático — PSD — em São Joaquim, SC. Militou, depois, na União Democrática Nacional — UDN.

Faleceu, em São Joaquim, SC, a 6.11.1979. Foi casado com D. Maria Cândida Ribeiro Vieira, filha de João Batista Ribeiro de Sousa e de D. Cândida dos Prazeres Batista Ribeiro.
Fonte: Informações de Hamilton Vieira.

JOAQUIM PINTO DE ARRUDA

Natural de São Joaquim, SC, a 18.8.1905, filho de Boaventura Lopes Pinto de Arruda e de D. Jovina de Araújo Arruda.

Cursou o Grupo Escolar "Vidal Ramos", Lages, o Colégio Catarinense, Florianópolis. Formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1930). Clinicou em Lages (1931-1932). Fixou-se em São Joaquim (1932-1946). Delegado de Higiene em São Joaquim. Transferiu-se para Lages (1940). Chefe do Centro de Saúde em Lages. Deputado à Assembléia Constituinte Estadual (1947) e à 1.ª legislatura (1947-1950). 1.º Secretário da Assembléia (1948-1950). Retorno a Lages (1950). Chefe do Centro de Saúde e médico do

VOCÊ SABIA?

— QUE o primeiro Serviço de Abastecimento de Água em Blumenau foi inaugurado dia 25 de novembro de 1943, pelo então prefeito Dr. Afonso Rabe, com a presença do interventor do Estado Dr. Nereu de Oliveira Ramos e localizada no Morro Boa Vista?

2.º Batalhão Rodoviário (1956-1961). Transfere-se para Florianópolis. Diretor do Departamento de Saúde Pública do Estado (1961-1970). Médico da Assembléia Legislativa do Estado, cargo em que se aposentou.

Casado com D. Juraci Pereira de Arruda, de quem houve filhos.

HENRIQUE HÉLION VELHO DE CÔRDOVA

Natural de São Joaquim, SC, a 18.2.1938, filho de José Henrique Córdova e de D. Itamira Batista Velho de Córdova.

Fez os estudos primários no Grupo Escolar "Prof. Manoel Cruz", São Joaquim, o ginásial no Colégio Diocesano, Lages e no Colégio Catarinense, Florianópolis, o científico no Colégio Diocesano e no Colégio Catarinense. Bacharelou-se em direito pela Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Advogou em São Joaquim (1964). Secretário de Planejamento da Prefeitura Municipal de São Joaquim. **Deputado à Assembléia Legislativa Estadual à 7.ª legislatura (1971-1975)**, eleito pela Aliança Renovadora Nacional — ARENA —. Líder do Partido na Assembléia (1972-1974). Deputado à Câmara dos Deputados (1975-1979), eleito pela Aliança Renovadora Nacional. Vice-Governador do Estado de Santa Catarina.

AGRIPA DE CASTRO FARIA

Natural de Campos, RJ, a 12.4.1901, filho de Antônio Joaquim de Castro Faria e de D. Francisca Barbosa de Castro Faria.

Cursou o Ginásio de Campos, RJ, e formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Clinicou, inicialmente, em São Joaquim, SC. Filiou-se à campanha da "Aliança Liberal", vitoriosa em 1930, mas, logo, divergiu. **Deputado à Assembléia Constituinte e Legislativa Estadual (1935-1937)**, eleito pela Coligação "Por Santa Catarina".

Diretor do Departamento de Saúde Pública do Estado (1940-1943). Diretor do Hospital-Colônia Santana (1943-1950). Deputado à Câmara dos Deputados à 2.ª legislatura (1951-1954), eleito pelo Partido Social Democrático. Suplente de Senador, convocado (1954-1955). Assistente da Presidência da Legião Brasileira de Assistência em Santa Catarina (1958-1965).

Falecido.

Foi casado com D. Ecilda de Castro Faria, de quem houve Terezinha de Castro Faria e Maria Lúvia Faria Vila-Verde.

BOANERGES PEREIRA DE MEDEIROS

Natural de São Joaquim, SC, a 11.8.18. ., filho de Francisco Pereira de Medeiros e de D. Inês Batista Ribeiro (filha de João da Silva Ribeiro (vide)).

Conselheiro e Vereador à Câmara Municipal de São Joaquim. 1.º Substituto de Superintendente Municipal (1915-1923). **Deputado ao Congresso Representativo do Estado à 11.ª legislatura (1923-1924). Deputado estadual à 12.ª legislatura (1925-1927)**. Superintendente (Prefeito) Municipal (1926-1930).

Falecido.

ABOLFO JOSÉ MARTINS

Natural de Lages SC, a 13.8.1885, filho de Gustavo José Martins e de D. Saturnina Maria Martins.

Fez os estudos primários na terra natal e o curso secundário no Colégio "São José", Lages. Dedicou-se ao magistério. Fundou o Colégio "2 de Maio", São Joaquim, SC (1904). Fundou o jornal "Gazeta Joaquinense" (1906). Transferiu-se para Tubarão, SC, onde fundou o Colégio "Guia do Futuro". Retorna ao planalto serrano, em Bom Jardim da Serra, onde funda um colégio-internato. Dedicou-se (a partir de 1917) às atividades pastoris na

MAJU Pela alta qualidade das confecções em malhas que produz, tornou-se uma empresa de vanguarda nas exportações e no mercado brasileiro, e orgulho da indústria têxtil Blumenauense.

fazenda "N. Sra. do Socorro". Conselheiro (Vereador) à Câmara Municipal de São Joaquim (1918). Intendente de Bom Jardim (então no município de São Joaquim) (1934). **Deputado à Assembléia Legislativa do Estado à 1.ª legislatura (1935-1937)**, Vereador à Câmara Municipal de São Joaquim (1947-1950), eleito pelo Partido Social Democrático. Transferiu-se para Lages, SC (1953).

Faleceu, em Lages, SC, a 23.10.1965.

Foi casado, em primeiras núpcias, com D. Dolores Ribeiro, filha de Manoel Cecilio Ribeiro e de D. Rosalina de Oliveira Ribeiro, havendo desse matrimônio descendência. Em segundas núpcias, com D. Isabel Nunes, filha de Luís Teixeira Nunes e de D. Minervina Mendonça Nunes, havendo desse consórcio descendência.

EGIDIO MARTORANO NETO

Natural de São Joaquim, SC, a 25.10.1932, filho de Domingos Martorano e de D. Alzina Vieira Martorano.

Fez os cursos ginásial e colegial no Colégio Catarinense, Florianópolis, SC. Formou-se pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Paraná. Realizou cursos de especialização e de aperfeiçoamento em clínica geral e cirurgia geral em Porto Alegre, RS. Exerceu a medicina, como Diretor do Hospital "Coração de Jesus", São Joaquim, SC, Chefe da Unidade Sanitária de São Joaquim, Médico da CASAN — Cia. de Águas e Saneamento do Estado de Santa Catarina, Diretor-Presidente da CLINIMED, Florianópolis, Diretor da Divisão Hospitalar da Secretaria da Saúde do Estado de Santa Catarina. Secretário de Estado do Bem-Estar Social do Estado de Santa Catarina (15.3.1979-12.2.1982), e como tal exerceu as funções de Vice-Governador do Estado (14 a 23.7.1981 e 28.8 a 21.9.1981). Prefeito Municipal de São Joaquim, em dois mandatos, e

como tal participou do Seminário de Administração Municipal, Berlim, Alemanha. **Deputado à Assembléia Legislativa do Estado à 9.ª legislatura (1979-1982)**, eleito pela Aliança Renovadora Nacional — ARENA.

Casado com D. Leda Couto Martorano, de quem houve Simone Couto Martorano, Egídio Martorano Filho, Fabrício Couto Martorano e Fabiano Couto Martorano.

ANTÔNIO PALMA

Natural da fazenda Antonina, município de São Joaquim, SC, a 2.6.1891, filho de Inácio Palma da Silva Matos e de D. Ismênia Pereira Machado.

Pecuarista. Conselheiro (Vereador) Municipal de São Joaquim (1924-1928), Prefeito Municipal de São Joaquim, nomeado pelo Interventor Federal de Santa Catarina (1930), renunciando em 1931 e cargo este exercido sem receber qualquer remuneração. Fundador da União Democrática Nacional. **Deputado à Assembléia Legislativa do Estado à 3.ª legislatura (1955-1958)**, eleito pela União Democrática Nacional.

Faleceu, em Florianópolis, a 10.11.1970. Foi casado com D. Belmira Rodrigues Palma, de quem houve descendência.

JOÃO DA SILVA RIBEIRO

Natural do distrito da Costa da Serra, município de Lages, SC, em 1807, filho de João da Silva Ribeiro.

Fazendeiro e comerciante. Filiado ao Partido Conservador. Entrou em lista triplíce para Senador do Império, pela Província de Santa Catarina, juntamente com Alfredo d'Escagnolle Taunay (vide) e João Silveira de Sousa (vide), ficando em segundo lugar em votação e mereceria a simpatia do Imperador, mas, não estava ele disposto a

VOCÊ SABIA?

— QUE o primeiro número do jornal "A Cidade", editado em Blumenau, saiu a público no dia 21 de setembro de 1924? QUE os primeiros redatores foram José Ferreira da Silva e o poeta Octaviano Ramos?

esse "posto de sacrificio". Superintendente Municipal de São Joaquim (1892). Possuía patente de Tenente-Coronel Comandante Superior da Guarda Nacional das Comarcas de Lages e de Curitiba (22.9.1888).

Faleceu, na fazenda do Limoeiro, município de Lages, SC, a 10.5.1894.

Foi casado com D. Osmenia Ribeiro, filha de Mateus José de Sousa, e desse matrimônio houve descendência.

Fontes:

Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. Registro de patentes da Guarda Nacional, 1882-1888.

ENEDINO BATISTA RIBEIRO

Natural de São Joaquim, SC, a 14.5.1899, filho de João Batista Ribeiro de Sousa e de D. Cândida dos Prazeres Batista de Sousa. Formado em farmácia pela Universidade Federal do

Rio de Janeiro. Diretor-Secretário da Prefeitura Municipal de São Joaquim (1926). Tabelião de Notas e Escrivão do Cível e do Comércio de São Joaquim (1928-1947). Deputado à Assembleia Legislativa do Estado, como suplente convocado, à 2.^a legislatura (1951-1954), eleito pela União Democrática Nacional — UDN. Presidente da Comissão Estadual de Abastecimento e Preços de Santa Catarina (1954-1956). Diretor Comercial da Empresa Luz e Força de Florianópolis S/A (1956-1959). Inspetor Geral, interino, da Inspetoria de Veículos e Trânsito Público do Estado de Santa Catarina (1956). 2.^o Oficial do Registro de Imóveis de Florianópolis (1959-1960, quando se aposentou). Representante do Governo do Estado junto ao Conselho Regional do Serviço Social Rural (1959-1961). Professor da Faculdade de Farmácia da Universidade Federal de Santa Catarina (disciplina Farmacognózia), onde se aposentou.

Aconteceu...

Agosto de 1987

— DIA 1.^o — Fundada que foi em fevereiro de 1987, a Associação de Cegos do Vale do Itajaí lançou a campanha em prol da construção de sua sede social para ali mais tarde instalar cursos profissionalizantes para cegos.

* *

— DIA 7 — Presidida pelo Secretário de Educação do Estado, Ciro Sniekowsky, realizou-se a solenidade de instalação do 1.^o Encontro Regional de Educação em Blumenau.

* *

— DIA 8 — Na sede social do Guarani, realizou-se a 13.^a festa do Prato Típico, promovido pelo Clube Soroptimista de Blumenau em benefício da APAE.

* *

— DIA 9 — Tendo por local a sede do Vasto Verde, realizou-se, sob os auspícios da Prefeitura Municipal, o XVI Encontro Blumenauense de Atiradores, com a participação de mais de vinte representações.

* *

— DIA 10 — Foi aberto o 3.^o Curso de Iniciação na Arte Fotográfica, promovido pela Prefeitura de Blumenau e orientado pelo Departamento de Cultura.

* *

— DIA 10 — De acordo com relatório apresentado pela Secretaria de Agricultura ao prefeito Dalto dos Reis, nada menos do que 82 propriedades rurais receberam benefício no mês de julho com a

Patrulha Mecanizada daquela Secretaria. Foram também aplicadas 235 ampolas de sêmen, de acordo com o programa de Inseminação Artificial desenvolvida no Município.

* *

— DIA 12 — Informações prestadas pelo Departamento de Imprensa da Prefeitura, adiantaram que mais de sessenta representantes de diferentes entidades, participaram da palestra do professor Pedro Hidalgo, do Centro Interamericano de Desarrollo Integral de Aguas y Tierras da Venezuela, aqui realizada, abordando a metodologia utilizada na Venezuela para fazer o manejo na Bacia Hidrográfica.

* *

— DIA 13 — Depois de alguns meses paralisados os serviços de conclusão do Biergarten foram reiniciados.

* *

— DIA 16 — Violento vendaval atingiu a cidade de Rio dos Cedros, causando estragos orçados em 10 milhões de cruzados. A velocidade dos ventos chegou a 130 km horários.

* *

— DIA 19 — No saguão da FURB, foi oferecido coquetel na abertura da exposição de cenários elaborados para a apresentação do Grupo do Teatro Alvaro de Carvalho, de Florianópolis. A apresentação foi de Suely Beduschi e a promoção da Divisão de Promoções Culturais da FURB.

* *

— DIA 21 — Como acontecem todos os anos, teve lugar, em Blumenau, o Encontro Anual dos Maçons para comemorar seu dia, ocorrido dia 20. A abertura das festividades teve lugar no pavilhão da PROEB, neste dia, com a presença de centenas de pessoas que iam chegando a Blumenau.

* *

— DIA 21 — No Palácio Cruz e Souza, em Florianópolis, foi realizada a Sessão Solene para comemoração dos trinta anos do manifesto do Grupo Litoral. A promoção foi da Academia Catarinense de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

* *

— DIA 21 — Na Galeria Municipal de Arte, foi realizada a Noite de Autógrafos do escritor Enéas Athanázio, com o lançamento de seu livro "Meu Amigo Hélio Bruma (ensaios)". O acontecimento teve o apoio da Fundação "Casa Dr. Blumenau" e foi muito concorrido.

* *

— DIA 28 — No Salão Centenário do Teatro Carlos Gomes, o artista Elio Hahnemann abriu a exposição de "Aquarelas". O acontecimento revestiu-se de grande sucesso, com grande comparecimento.

VOCÊ SABIA?

— QUE o General Lúcio Esteves, cujo nome foi dado ao Grupo Escolar localizado na Escola Agrícola, faleceu em Porto Alegre, dia 10 de dezembro de 1943?

AUTORES CATARINENSES

Enéas Athanázio

Recebi do Sr. Licurgo Costa, a propósito de uma nota sobre seu livro "As mordomias da pobreza", publicada nesta coluna no último mês de junho, a carta que, a pedido do missivista, transcrevo a seguir: "Na edição de junho p.p. de "Blumenau em Cadernos" encontrei, na brilhante Seção "Autores Catarinenses", duas graves denúncias suas contra o humilde signatário destas linhas e uma sibilina referência desfavorável à Academia Catarinense de Letras. 2. Na primeira Vossa Excelência me classifica de extremamente destituído de inteligência, eis que somente quem seja tão pobre de espírito e tão ignorante poderia ter suas idéias com uma defasagem que as tornem contemporâneas do Presidente Washington Luis. 3. Apesar de me esforçar por viver bem atualizado em todos os setores das atividades intelectuais — conheço, por exemplo toda a sua admirável obra literária — estou de pleno acordo com o seu juízo a meu respeito. 4. Quanto à outra denúncia, de que vou lançar um livro contra a pobreza, devo informar à Vossa Excelência que ocorre precisamente o contrário. O livro, prestes a ser lançado, encerra um veemente apelo a favor dos setenta milhões de pobres, indigentes e mendigos que vegetam no território brasileiro. Desta espantosa massa de carentes merecem especial atenção cerca de 25%, que precisam do estímulo da educação para despertar-lhe a ambição de melhorar de vida. T. Veblen na sua famosa "Teoria da Classe Ociosa" afirma que para estes últimos "a pobreza é um sistema de vida". 5. A opinião de Veblen, amparada em estatísticas mundiais das Nações Unidas, é compartilhada por numerosíssimos cientistas políticos, sociólogos, assistentes sociais e historiadores. Compreendo que Vossa Excelência, dedicado sobretudo à ficção, seja, como o demonstra, completamente jejuno na matéria. 6. Em meu livro relaciono cerca de três dezenas de mordomias, isto é, regalias, privilégios, prerrogativas, apanágios desfrutados pelas várias classes de carentes, dos quais muitos, em vez de os ajudarem, os prejudicam. 7. Na referência à Academia Catarinense de Letras, desfavorável por vinculá-la à minha completa nulidade mental, vislumbro uma sutil conotação ao fato das relações de Vossa Excelência com ela, em episódio recente, não terem sido felizes. Mas, tenha Vossa Excelência a bondade de notar que figuras consagradas como a de Gilberto Amado, por quem ambos devotamos a mais viva admiração e, ainda, entre muitos outros, Ledo Ivo, admirável ficcionista, poeta e cronista, mesmo não tendo alcançado resultados positivos na primeira vez que pretenderam ingressar na Academia Brasileira de Letras, nem por isso a atacaram e, inscrevendo-se para outras eleições, alcançaram o merecido êxito. 8. Diante do exposto venho solicitar de Vossa Excelência a mercê de olhar a Academia Catarinense de Letras com benevolência e de sustar suas opiniões sobre

“As Mordomias da Pobreza” até o lançamento do livro, oportunidade em que terei a satisfação de enviar-lhe um exemplar dele, assim como o recorte de uma entrevista que concedi ao semanário “A Ponte”, na qual tenho o prazer de me referir à Vossa Excelência, chamando-o, com justiça, de brilhante ou cintilante escritor. Queira Vossa Excelência receber — perdoando as inevitáveis falhas e erros desta missiva, que espero publicada na íntegra em “Blumenau em Cadernos” — as expressões do mais alto apreço, com que me assino, respeitosamente”.

— . — . — . — . — . — . —

A carta pressupõe duas coisas: a distância e o sigilo. Embora existam na literatura casos em que as pessoas se carteiavam mesmo estando próximas, a exemplo do célebre personagem que morava no prédio de seu signatário e, ao invés de falar-lhe, preferia enfiar as cartas por baixo da porta, não me recordo de casos em que a correspondência fosse enviada aberta, isto é, dada a público antes que a outra parte dela tivesse conhecimento. Embora seja estranho, a carta do Sr. Licurgo Costa chegou-me aberta. Deve ser alguma espécie de ética em que sou jejuo.

Embora o ilustre missivista afirme que conhece toda minha obra, permito-me duvidar. Em meu modesto trabalho, não registrado em nenhuma enciclopédia, está longe de predominar a ficção.

A conclusão a respeito da Academia Catarinense de Letras eu a recebo como intriga miúda. Se mencionei o Sr. Costa como seu presidente, isso se deveu ao fato de que ele fez questão de assim se proclamar na entrevista que provocou a nota. A menos que Sua Excelência se considere a própria Academia.

Não afirmei que ele fosse contra a pobreza. O que me chocou foi a insensibilidade diante do problema. E as citações eruditas e estatísticas mencionadas pelo autor só vieram aumentar o meu espanto. Como muitos intelectuais brasileiros, o Sr. Licurgo Costa se aprofunda tanto nas teorias que não lhe sobram olhos para enxergar o que o cerca. Como disse Gilberto Amado — citado pelo missivista — estão com os olhos pregaçados nas páginas dos livros estrangeiros e não conseguem ver a nossa realidade.

Por essas e por outras, creio que minhas palavras, na coluna do mês de junho, não estavam erradas. Se vivo fosse, o ex-presidente Washington Luis teria agora no sr. Licurgo não só um seguidor mas também um teórico de seu pensamento. E “As mordomias da pobreza”, com certeza, adotado como catecismo.

Quanto à ameaça de enviar-me o livro, por favor, não faça isso! A julgar pelo estilo da carta, não li e não gostei.

— . — . — . — . — . — . —

PS. — Eu já havia concluído esta nota quando me chegaram DOIS exemplares de “As mordomias da pobreza”, um remetido pelo autor e outro pelo editor. Numa rápida folheada, lendo um tópico aqui e outro ali, cheguei à conclusão de que idéias e estilo se casam com perfeição. Estou perdido! Valha-me Deus! Que pecado terei cometido?

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

Conselho Curador Presidente — *Afonso Rabe*; vice-presidente — *Antonio Pedro Nunes*.

Membros: *Elimar Baumgarten — Rolf Ehlke — Nestor Seára Heusi — Ingo Wolfgang Hering — Martinho Bruning — Urda Alice Klueger — Frederico Blaul — Frederico Kilian — Olivo Pedron.*

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ VESTIA A MACIEZ DAS CAMISETAS E ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS" E A HERING TÊM MUITO EM COMUM. ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS VALORES DA NOSSA GENTE.



Cia. Hering
BLUMENAU - SANTA CATARINA